

**Entrevistadora:** Muito obrigado por sua participação neste projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada de sua história. Então eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser sem ter preocupações em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento e como era esse lugar, as pessoas que moravam lá?

**Entrevistada:** Lugar de nascimento, eu nasci em Bonocô, chama Cosme de Farias. Nasci com minha tia, depois ela veio para o Cabula, moro com a minha mãe, fui nascida e criada com a minha mãe. Mas eu- minha avó que acabou de me criar. Depois minha tia e minha avó que me criou. Fui criada por duas família, mãe, tia e vó. Daí eu comecei a trabalhar em cabelo, eu trabalhei em pastel, de pastel trabalhei em vender camarão, de camarão trabalhei de vender, daí eu estou em cabelo. Sou cabeleireira.

**Entrevistadora:** E como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

**Entrevistada:** Para mim foi alegre, foi triste, os dois lado. Um lado alegre e um lado triste, mas deu para suportar, deu para sobreviver. Ninguém morre. Tem que passar pela alguma coisa na vida. Se não passar não vive. Tem que passar por alguma coisa porque senão a gente não sabe o que é viver.

**Entrevistadora:** Você lembra algum jogo, passatempo, brincadeira em particular que você costumava jogar?

**Entrevistada:** Bola, empinar raia, sambar gosto até hoje. Cantar muito eu gosto. Gosto muito de trabalhar e sempre foi meus [ininteligível 00:01:53] e minha vida. Brincar muito, sorrir, dar muita risada, curtir com a cara dos outro, para mim é tudo.

**Entrevistadora:** Fale sobre seus pais e avós. De onde eles eram?

**Entrevistada:** Tudo baiano, Salvador. [ininteligível 00:02:09] minha mãe e minha avó. E meu pai eu não sou muito criada não. Meu pai é bem afastado da gente. Ficou muito pouco com a gente. Aí fui criada com minha mãe e minha avó. Mais criada com eles.

**Entrevistadora:** E quais eram as profissões de seus pais e avós?

**Entrevistada:** Minha mãe é médica, meu pai é mecânico. Ela hoje cuida de idosos, cuida de doentes até hoje. E meu pai é mecânico. Trabalha de carro até hoje. E eu sou cabeleireira.

**Entrevistadora:** O que você lembra de seus pais e avós? O que você lembra que eles faziam, comiam, bebiam ou falavam?

**Entrevistada:** Curtíamos todos nós. Brincava, curti, bebia, ia para parque, todos nós brincava, de boa. Era muito feliz.

**Entrevistadora:** Como era o Pelourinho quando você era criança?

**Entrevistada:** Pelourinho antes era muitas prostituição, muitas malandragem, muitas coisa ruim. Hoje melhorou 10.000%. Melhorou para o que era antes, era muito mata-mata, muita prostituição, muitas coisa ruim. Uma colega me chamou para vim trançar cabelo aqui e aí eu enfrentei. De sangue no olho enfrentei e estou aqui até hoje, estou com 35 anos de idade. Tenho 16 ano aqui ou 17, um negócio desse. Eu sei que eu tenho muitos anos aqui. Não sei contar, mas eu tenho muitos anos aqui. Larguei muito trabalho mas estou aqui trabalhando até hoje. Enfrentei tudo, mas era muito ruim antes. Melhorou 10% hoje.

**Entrevistadora:** Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança? Era diferente?

**Entrevistada:** Muito diferente. Muito, muito. Antes eu trabalhava de quê? De vender camarão, vendia sonho, vendia pastel, vendia suco. Eu vendia picolé. Minha profissão eu carregava material, fazia faxina, aí eu larguei tudo isso para trabalhar para mim. Eu vi que valia a pena hoje trabalhar para mim mesma, porque trabalhar para os outros não vale a pena. E eu trabalho de trançadeira até hoje para mim. Há muitos anos. Não vale a pena eu trabalhar para ninguém hoje.

**Entrevistadora:** E era diferente trabalhar em sua profissão antes?

**Entrevistada:** Muito diferente que você trabalha para você, e você sabe o que você faz. E trabalhar para os outros é muito mandado. É muito puxa-puxa, é muito- é tudo em ordem, é aquela coisa- você tem que acordar no horário deles e a gente trabalha a hora que a gente quer, lembra a hora que a gente quer. Entendeu?

**Entrevistadora:** Como você aprendeu a fazer o que você faz?

**Entrevistada:** Destino. Dom. Deus me deu o dom. E hoje eu sei fazer muitas coisa que eu não precisei tomar curso de nada. Teve o curso que o SEBRAE deu. Inglês, francês, a como se dar com os clientes e não precisou de fazer nada. Quando eu fazia, eu saía para beber, porque eu já sei como atender os clientes. Porque eu acho que uma ignorância, a falta de educação a gente larga atrás da porta. E a minha mãe me ensinou a educação desde nós de pivetinha, desde criancinha. Então eu hoje, eu sei o que é educação. Eu sei largar atrás da porta e problema a gente larga atrás da porta e entrega nas mãos de Deus que você vence tudo. E hoje eu sei o que é educação.

E hoje se ele me chamar para curso de novo, eu não vou porque eu sei tudo. Sei falar inglês, a metade. Sei falar um pouco espanhol, a metade. Não precisa eu tomar curso nenhum. Porque o dom que Deus me deu, deu o suficiente. Sei falar: "Olá, my friend, come here please. Come on." Para chamar os clientes, então não precisa me abalar muito. É o dom que Deus me deu. Porque acho que muitos têm que fazer o que eu não preciso fazer, mas eu tenho o que eu tenho.

**Entrevistadora:** E você tem alguma história sobre como aprendeu a fazer o cabelos das pessoas?

**Entrevistada:** História não porque eu sempre eu trançei com meu cabelo, aprendendo com as minhas colegas. Como é que faz assim, como é que faz assim? Como é que faz o dread? Como é que faz o mega? Como é que faz o implante? Aí um foi me ensinar, o outro foi me ensinando, eu vou ensinando. Aí na curtição de um ensinar o outro a gente aprendeu. A única coisa que eu não aprendi hoje ainda foi fazer tela. Fazer mega e fazer a tela. Uma coisa que eu não faço muita questão, é fazer tela. Mas se Deus um dia me dar o dom, eu tenho certeza que eu vou longe.

Porque Deus me deu o dom de ser trançadeira em tudo. Mas eu não precisei tomar muito curso de nada, mas eu aprendi só em olhar. É o dom como eu tive de falar inglês, ou então espanhol. Um pouco tudo e cada um e eu sei falar tudo. A metade de tudo eu sei, sem tomar cursos nenhum.

**Entrevistadora:** Você gosta de comer?

**Entrevistada:** Eu gosto mais de beber. Não gosto de comer não. Não é meu espírito, sou mais de beber. Tomar cerveja, refrigerante. Tomar vitamina. Mas mastigar não sou fã. Tenho espírito não. Sou uma baiana mas não tenho espírito para comer. Acho que me dá muita preguiça. Eu não tenho tanta preguiça de comer como de trabalhar que eu não tenho. Eu tenho força de vontade para trabalhar mas comer eu sou um ó.

**Entrevistadora:** Você gosta de cozinhar?

**Entrevistada:** Mais ou menos.

**Entrevistadora:** Você gosta da música?

**Entrevistada:** Amo a música. Minha música é tudo. Eu amo a música que Deus me deu. Porque a música é o dom que Deus deu a todos. Principalmente a mim. Eu prefiro a música do que o amor de alguém. A música é o amor de Deus. Uma coisa mais grande, mais linda que existe na face da terra é música. Eu tanto que eu quero me mudar de uma casa que o dono da casa me persegue porque eu ligo o som alto. Para mim o som alto é tudo para mim. Eu amo a música.

**Entrevistadora:** E que tipo de música você prefere?

**Entrevistada:** Pagode, lenta, internacional e seresta. Eu amo. O resto toco fogo.

**Entrevistadora:** Você canta?

**Entrevistada:** Só quando eu tenho vontade. Hoje mesmo eu estava cantando o dia todo. Quando eu estou [ininteligível 00:08:25] eu canto até [ininteligível 00:08:26] tira os meus estresses todo em cantar.

**Entrevistadora:** Você pode cantar algo para mim?

**Entrevistada:** Rapaz, para eu cantar eu tenho que colocar o- porque eu tenho aqui de inglês, que eu canto em inglês. Para eu cantar tem que botar inglês para cantar. Ou do mp4 que eu estou escutando. Eu canto mais escutando.

**Entrevistadora:** Mas você sabe alguma canção?

**Entrevistada:** Assim não. Assim de voz eu não consigo não. Mas se eu botar, eu consigo cantar interpretando o que eu sei cantar. Mas cantar assim para lembrar não. Mas eu sei cantar todas as músicas inglês. Mas assim no alto eu não consigo não. Só se eu botar o mp4 para escutar, aí eu canto.

**Entrevistadora:** Qual é seu provérbio ou frase preferido?

**Entrevistada:** Qual é o meu o quê?

**Entrevistadora:** Provérbio, expressão popular.

**Entrevistada:** Meu problema?

**Entrevistadora:** Não, provérbio. Uma expressão que você diz muito.

**Entrevistada:** Não entendi.

**Entrevistadora:** Como um conselho.

**Entrevistada:** Conselho para mim? Nenhum. Para mim conselho nenhum ou a escolha de ninguém. Nem de Deus. Sabe por quê? Porque eu sou positiva, eu tenho o que eu tenho. Não preciso de ninguém me botar no lugar, que eu sei. E sou evidente e sei me botar no meu devido lugar. Se eu vejo que ali está ruim para mim, eu pulo. Se eu vejo que ali não dá para mim, eu pulo. Não precisa ninguém me avisar. Eu tenho o que eu tenho dentro de mim e eu sei cair fora. Não gosto de maus pessoa, não gosto de maus elementos, não gosto de me dar com as influências ruins e negativa. O que eu vejo ruim eu mando para fora. Então eu gosto de andar para cima e para frente. Eu gosto de viver alto. Quem vive para baixo é o diabo e o pobre. Arrastado no inferno. Entendeu?

**Entrevistadora:** Qual religião você pratica?

**Entrevistada:** Sou católica. Ao mesmo tempo eu misturo tudo, católica, macumba. Misturo os dois, católica e macumba.

**Entrevistadora:** O que tão importante é a religião para você?

**Entrevistada:** Nenhum dos dois. Nenhum dos dois. Eu acho que o importante para mim é Deus, mais nada. Porque o católico hoje- eu vejo os padre hoje sendo pedófilo. Os próprios padres sendo pedófilo e fazendo coisas que ele não deveria

File name: VFOA Brazil T S M.MP3

fazer, que é o maior de todos que Deus deu e viado. Então para mim eu só confio em Deus e o resto babou, levou, melou. Eu não acredito em nenhum deles, só em Deus. Entendeu?

**Entrevistadora:** Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião?

**Entrevistada:** Se existe alguma ligação entre eu faço e minha religião? Qual religião? Qual das duas? Eu tenho fé no que eu consigo. Tenho fé no que eu consigo e não me apego em nada. Se o diabo me ajudar, está bom. Se Deus me ajudar, está bom. Está tudo- está ótimo. Eu sei que cada um tem que ficar no seu devido lugar, no seu devido caminho. Deu, deu, não deu, cada um vai para o seu caminho. Não deve se apegar muito às coisas que não vale a pena. Que enjoa, dá entojó, fica meloso.

Então eu acho que Deus deu livre arbítrio para cada um viver o que quer, que pode. Não adianta ficar muito gluglugu. Eu sou católica, **[ininteligível 00:12:15]** católica. Eu sou macumbeiro, eu vou viver **[ininteligível 00:12:18]** macumbeiro. Eu sou- mesmo de religião não vale a pena porque tudo enjoa. Enjoa se você viver e come todo dia ali, ali, ali, ali. Enjoa você estar ali no pé de alguém. Tudo enjoa. Tudo é entojó.

É igual você comer feijão todo dia, enjoa. É o mesmo que você comer uma salada todo dia, enjoa. Tudo enjoa. É o mesmo que dizer, todo dia eu amo aquela religião. Qualquer uma, enjoa. Dá entojó. É o mesmo que todo dia você estar rezando, rezando, rezando, rezando. Para mim eu enjoo. Para mim é entojó. Eu digo por experiência minha que eu sou inteligente, enjoa. Dá tédio.

**Entrevistadora:** Pode descrever qual é sua parte preferida de seu serviço religioso?

**Entrevistada:** Meu serviço religioso? Como assim? É de igreja, esse negócio assim?

**Entrevistadora:** É.

**Entrevistada:** Quando eu tenho vontade de rezar. Quando eu tenho vontade de rezar, eu rezo, quando eu não tenho, mando tudo para a casa do caralho. Quando não tenho **[ininteligível 00:13:18]** xingo mesmo. Xingo Deus, xingo o diabo, xingo a minha mãe, xingo o meu pai, xingo o meu marido, xingo todo mundo. Porque eu tenho isso em mim. E não peço perdão nenhum deles. Porque eu tenho isso dentro de mim.

Eu acho que não adianta você dizer que você é certinha, que você é aquilo sabendo que você quer xingar, você tem vontade de fazer aquilo. Não adianta dizer: "Não, não pode, você não pode fazer aquilo porque Deus é aquele pai seu, é sua mãe aquela". Você tem vontade, você faz porque Deus diz: "Dou o livre arbítrio para fazer o que você quer entender". Minha mãe fala: "Porque você faz?". Faço, lhe xingo a senhora, lhe xingo o meu pai, lhe xingo Deus, lhe xingo o diabo.

Eu xingo tudo que fazer de errado, eu xingo. Porque eu quero. Posso? Eu tenho- eu sou autêntica. Eu sempre digo na cara da pessoa. Está errado, está certo. Então eu sou assim. Que dizem que- não adianta dizer assim: "Não proíbe as pessoas como quer dizer a verdade". Falar a verdade porque sente, desabafa. É bom. Entendeu? Não adianta você prender a lei. Você quer desabafar- Deus disse: "Dou o livre arbítrio para você falar aquilo que você quer, espontânea vontade". Está ali, né?

**Entrevistadora:** Qual é o nome de sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Eu sou cabeleireira. Minha profissão é fazer cabelo, faço *dread*, *trancinha*, mega *hair*. Eu faço implante, faço rastafári, faço vários tipos de trança. Tiarinha, faço isso.

**Entrevistadora:** O que você pensa sobre sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Para mim eu penso ótimo, um dom que Deus me deu, foi bom. Um dom que Deus me deu, agradeço a Ele, por mais que eu passe por muitas dificuldades aqui. Hoje eu ganho, amanhã não ganho, para mim está bom. R\$1 que eu ganhar hoje está bom, agradeço a Ele, porque em primeiro lugar estou com saúde, estou com força de vontade de- força na língua para xingar qualquer um, estou com força na língua para mandar qualquer um para a casa do puta do caralho, e estou com força na língua para arrumar o que é meu, e trabalhar a hora que quiser.

Se Deus não me der hoje, me dá amanhã. Então, para mim está bom. Tomo a minha cerveja hoje. Se não tomar hoje, tomo amanhã. Se eu tiver que tomar de fiado, eu tomo. Se eu não tiver, eu não tomo. Então, a minha vida é essa. Para mim eu agradeço muito a Ele, principalmente a minha saúde. Então, Ele sabe que eu sou doída, eu sou zoada. Então, eu acho que ninguém deve se meter na vida da pessoa, do jeito que é. Eu sou assim, eu acho que ninguém deve se meter do jeito que a pessoa é. Cada um tem seu jeito, o seu gênero e sua natureza. A minha natureza é essa. Mando qualquer um virar aos avessos. O bom é isso, né?

**Entrevistadora:** Como você começou a trabalhar nesta profissão?

**Entrevistada:** Eu comecei num cabelo de uma tia minha. Comecei a fazer uma tiara no cabelo dela. Eu já sabia fazer tiara. Daí eu conheci uma colega minha que é namorada do- do marido de minha mãe, que era irmão dele. Ela: "Vamos-se embora para o Pelourinho me ajudar a fazer as tranças. Eu falei assim: "Vamos embora." "Você vai ficar como minha ajudante." Aí eu vim para o Pelourinho. Quando chego aqui no Pelourinho, fico como ajudante, mas só que eu sabia fazer tiara, eu sabia fazer *trancinha* solta, só não sabia fazer *tererê* nem *dread* nem mega *hair* e nem implante. Isso aí eu tinha que olhar pelas pessoas.

Aí como ela não me ensinou, eu fui olhando e fui aprendendo. Quando eu aprendi a base de muitas coisas, aí eu fui dando pula para trás, porque eu fazia toda a cabeça de uma pessoa por R\$25, ela me dava R\$5. E então eu peguei e fui olhando,

olhando, aprendi, e hoje eu disse a ela: "Olha, me desculpa. Obrigada por essa oportunidade, porque agora eu vou trabalhar para mim." E comecei a trabalhar para mim sozinha, a fazer tudo o que eu aprendi. Aí comecei a aprender pelo- seguindo os colegas. Fui indo, fui indo, e hoje eu sei tudo. Não preciso mais de ninguém. Mas eu agradei muito a ela. Ela que me botou aqui. Hoje ela saiu daqui, e hoje eu estou. Entendeu?

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz que você trabalha nesta área, o Pelourinho?

**Entrevistada:** Rapaz, eu vou mentir. Eu acho que eu tenho uns 15 anos por aí, viu? Muitos anos aqui eu tenho.

**Entrevistadora:** E que coisas você gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Que coisas eu gosto? Trançar cabelo só. É fazer os meus cabelos. Eu gosto de curtir, eu gosto de tomar a minha cerveja. Quando acabo de fazer os meus cabelos, eu tomo uma cervejinha, eu gosto de dançar. E só.

**Entrevistadora:** E que coisas você não gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Ai, essa onde de homem chamar a gente para se prostituir, chamar para fazer negócio de cheirar droga, fumar, eu não gosto. E eu sou muito positiva no que eu quero. Não suporto droga. Até o cigarro que eu fumo eu largo o dia que eu quero. Eu estava fumando uma carteira sem parar por dia. Eu parei antes de ontem. Hoje eu não sinto vontade. Porque eu quero, porque eu tenho força de vontade por mim. Eu tenho possibilidade do que eu quero. Parei, parei, porque eu estava estressada, tinha muito estresse aqui, estresse de minha família, então, eu fui e parei. Era uma carteira por dia sem parar, Hollywood. Quando eu não fumo Hollywood, tem vez que eu fumo charuto, e vou bebendo sem parar até o estresse passar.

Quando o estresse passa, eu resolvo, aí pronto. Parei já. Hoje eu não sinto vontade de fumar, porque querer é poder. Tudo depende de cada um de nós, depende de seu organismo, depende de sua natureza, depende da sua possibilidade, depende de sua força de vontade para você largar o que você quer, porque droga para mim não cola. O que eu gosto aqui é trabalhar, curtir, dançar, brincar, xingar, perturbar. A minha é essa. Mas drogas, se prostituir, me envolver em coisa de roubo, não cola. O meu negócio só é esse. Sou invocada demais, muito invocada. Dou murro na cara de qualquer um que me chamar para as coisas ruins. Não gosto. Não entra em meu caminho. Não entra.

**Entrevistadora:** Como você pensa que os turistas ouvem a você?

**Entrevistada:** Muitas coisas. Uns pensam que nós somos prostitutas. Outros pensam que a gente somos- estamos vendendo o corpo. Outros pensam que está trabalhando ali porque precisa. Outros pensam que a gente gosta de trabalhar,

muitos. Muitos são cabeça, outros não, pensam que a gente estamos trabalhando para disfarçar para poder fazer vida. Muitos gringos pensam isso.

Aí humilha a gente, acham que porque somos negras que trabalham na rua acha que chega assim e fala: "Onde é ali?" Desculpa. "Onde é ali? Onde é ali?" Não, eu sou-- Quando eu estou irradiada mesmo, arretada, digo: "Bom dia. Boa tarde." Não sou Bahiatursa para estar aqui informando ninguém. Se ele quiser, um "bom dia" ou "boa tarde" ou "boa noite", que eu não estou aqui para dar informação a ninguém.

Mas muitos deles pensam que a gente somos uma qualquer. Acham que chegou aqui tem que: "Onde é ali? Onde é aqui?" Acham que estamos trabalhando na rua e somos uma qualquer. Não, isso aqui é uma cultura. Isso aqui é uma obra de arte. Isso aqui estamos trabalhando porque os gringos gostam, os turistas gostas, entre aspas, né? Nem todos, né? Outros pensam que a gente estamos para se prostituir, para fazer vida, para vender droga. Muitos pensam isso, mas não, eles têm que saber que aqui a gente-- Uns sabem uma coisa, outros sabem outra, mas ninguém está na cabeça de ninguém. Tem que saber a mente de cada um, não é julgar aquela pessoa.

Você não está na mente de cada um, cada um tem que saber a mente de cada um para poder julgar a pessoa, não pode julgar uma pessoa sem saber-- "Nego, venha cá, a mulher está muito doida, está isso, está aquilo, está cheia de droga." Mentira. Ela está doidona porque ela está estressada. Ela está bebendo porque ela está cheia de problema, como eu estava esses tempos todos, então acha que está cheia de droga. Está bebendo, porque tem que se prostituir, tem que se jogar. Não, não é assim não. Muitos gringos aqui pensam-- Gringo como baiano, pensam as coisas muito errada pela gente.

**Entrevistadora:** E como é sua relação com as pessoas da Bahia?

**Entrevistada:** É muito difícil, viu? Difícil. Baiano é muito-- O baiano é um tipo de pessoa que é ignorante com eles mesmos, racista com eles mesmos, não consideram a própria cor da gente. Ignorantes igual eles mesmo. É por isso que eu digo a você que o baiano, o de dentro ou de fora, sofre e não sabe por que está sofrendo. Vegeta e não sabe por que está vegetando, porque não sabe reconhecer a outro lado da pessoa, acha que a pessoa é qualquer, acha que a pessoa está passando aquilo porque quer, porque gosta. Não, cada um tem os seus problemas. Eu tenho o meu, cada um tem o seu. Não é assim julgar.

Então, o baiano hoje sofre, passa fome, miséria, as necessidades, porque gosta e porque quer, porque não sabe pensar o que o outro pensa. "Por que ele está assim? Por que que está acontecendo com ele?" Então, ele acaba sofrendo porque eles pedem para sofrer. É como turista, é como prefeito, é como vereador, é como qualquer um, sofre porque tem que sofrer. Está passando porque não sabe o que está se passando. Porque está pagando porque tem que pagar.



Porque para você julgar uma pessoa, tem que olhar primeiro, analisar, raciocinar, para poder ver o que é que está acontecendo. Então, o baiano julga muito o outro. "Ah, porque ela é isso, é porque ela é aquilo, que não sei o quê." Mentira. Isso aí é dor de inveja, dor de cotovelo, não aguenta ver você num salto novo, não aguenta ver você botar um mega, não aguenta ver você com o cabelo bonito, não aguenta ver você com a roupa bonita, não aguenta ver você com a sacola bonita.

Então, aí fica ali lhe julgando, aí quer tomar o seu marido, quer jogar isso, jogar aquilo para poder fazer aquele atrito, aquela briga, aquela confusão. E o baiano não considera o outro. Aí vem um turista de fora, e ele ignora também. Aí encaixa a ignorância com a do baiano, aí ajunta um sofrimento com o outro. Aí eles não vivem, eles vegeta, todos eles.

**Entrevistadora:** Você tem uma relação diferente com os homens que com as mulheres?

**Entrevistada:** Não, eu só com homem, só gosto só de homem. Não gosto de mulher. Nem amizade de mulher eu gosto, só homem. Não gosto nem amizade de mulher, odeio.

**Entrevistadora:** Você está casada?

**Entrevistada:** Estou, mas num casamento meio balanceado já.

**Entrevistadora:** Como conheceu a seu marido?

**Entrevistada:** Ele que me conheceu aqui. Ele me viu muito doida, brincando, que eu fico para lá e para cá pegando as minhas coisas. Aí gostou de mim, viu minha correria, viu que eu estou trabalhadeira. Então ele simpatizou comigo, veio descasado de Curitiba, ele é de Curitiba. Aí gostou de mim. Aí veio, me convidou para comer um bobó de camarão, daí me convidou para ir para a casa dele para poder conhecer o apartamento dele e me pediu para eu ficar com ele. Eu estava com um australiano. Aí ele me implorou para ficar com ele. Eu fui e fiquei com ele. Aí estamos juntos até hoje. Vamos fazer um ano agora no dia dos pais. Um ano não, vamos fazer dois anos no dia dos pais. Mora junto. A gente moramos juntos ainda num dia de tororó. Mora junto. E ele é de Curitiba. E eu sou de Salvador. Ele é que me achou.

**Entrevistadora:** Ele trabalha?

**Entrevistada:** Ele é maítra. Trabalho de restaurante.

**Entrevistadora:** E quem é a pessoa que ganha mais dinheiro em sua família?

**Entrevistada:** Quem ganha mais dinheiro? Eu. Eu ganho mais. Por dia eu tiro mais do que minha família. A não ser o meu irmão que ele trabalha de carro. Ele trabalha de móveis, entendeu? Móveis não, ele conserta carro. Só que é mesmo que nada.

Quem ajuda mais a minha mãe é eu. Ele ajuda quando ele quer. Mas quem ajuda mais minha mãe é eu. Mas agora fiquei casada e balancei um pouco, ajudo minha mãe.

**Entrevistadora:** Com quem você mora?

**Entrevistada:** Moro com o meu marido.

**Entrevistadora:** E você tem filhos?

**Entrevistada:** Não. Não tenho filhos. Tenho sobrinhos que eu já criei.

**Entrevistadora:** E você ensinou a seus sobrinhos ou sobrinhas a fazer o que você faz?

**Entrevistada:** Não quis. Minha sobrinha que eu criei foi para o meio da malandragem. A droga, e está aí no meio dos homens aí e está aquele problema. Aí eu deixei ela em Sussuarana. E a outra é certinha. E meu sobrinho é pequenininho e não sei o quê que vai fazer ainda, não é? O mundo que estamos hoje, a gente não sabe o dia de hoje e nem amanhã. A gente cria filho mas não cria natureza e nem destino, não é? Aí está aí nessa.

**Entrevistadora:** Você morou num outro estado?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Você participa em algum grupo ou organização?

**Entrevistada:** Não, nem gosto.

**Entrevistadora:** Que tipo de relação você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

**Entrevistada:** Nenhuma, não gosto. A pessoa que eu mais brigo é com elas. Porque elas tem muita inveja de mim. Porque eu lutei aqui com os prefeitos, com os governadores, com vereadores para poder que a gente fomos tirar elas do terreiro, aí eu lutei para poder ficar aqui na frente. Porque eu não gosto de ficar junto delas, se eu ficar junto delas, eu vou brigar com elas até **[ininteligível 00:26:50]**

Por causa de olho grosso, se eu trançar duas, três cabeças, elas fica com olho grosso. Então para mim não cola. Eu não gosto de olho grosso comigo, eu não tenho ambição comigo. Eu gosto de que todo mundo trabalhe, eu gosto que todo mundo ganhe. Então para mim não cola de ouvir muita ganância em cima de mim. Aí eu preferi falar com o chefe para me afastar delas todas. Hoje eu trabalho aqui com minhas ajudantes. Só. E elas bem lá embaixo afastada de mim.

**Entrevistadora:** Você gostaria falar de algo mais, que não falamos até agora?



**Entrevistada:** Não. Fala muito.

**Entrevistadora:** Últimas perguntas. Qual é ano de nascimento de você?

**Entrevistada:** 1975. 28 de março.

**Entrevistadora:** E qual é o último ano da escola que você alcançou?

**Entrevistada:** Rapaz, que eu alcancei na minha vida. Você sabe que eu nem sei. Alcancei muitas coisas na minha vida, mas sou tão doida que já joguei tudo para o alto. O que eu quero alcançar hoje na minha vida é um salão, a minha casa própria, só. E minha aposentadoria, que eu sou deficiente. Só, que eu quero. Mais nada. Para mim é tudo.

**Entrevistadora:** Onde você mora?

**Entrevistada:** Em Dique Tororó.

**Entrevistadora:** Esse é o nome de seu bairro?

**Entrevistada:** Dique Tororó em Brotas, região de Brotas, número 22. Região de Brotas.

**Entrevistadora:** Obrigada por sua participação, você pode falar comigo se você tem perguntas ou deseja agregar algo à sua contribuição. Obrigada.